

POSFACIO A OBRA DE ISAAC ZEMBORAIN

Pseudônimo: PIERRE MENARD

Daniel Galupo de Paula Penna
HISTÓRIA · FAFICH

Existirão leitores para um posfácio? Evitaria mesmo escrevê-lo, não fosse a absoluta necessidade de esclarecer o leitor sobre alguns pontos da estranha obra com que se depara. Confio que a exuberância de tal texto lhe renderá invejável fortuna crítica, já anunciada pelo belo artigo de nosso amigo Carolus Hourcade, ao qual remeto o leitor, publicado no número 9 da Revista de Crítica. Escudado nesta certeza, me permitirei ser breve.

Nada acrescentarei à nota biográfica que abre este volume. Nada direi sobre a vida íntima de Isaac Zemborain, de quem recebi o privilégio da amizade. Enfim, nada que não respeite a longa, e afinal trágica, feitura da presente obra. Resumo, para o bem de todos nós, minhas explicações.

O que apresentei aqui como romance é o trabalho de toda a vida de um homem extraordinário. No entanto ele jamais chegou a ver todo este material organizado. Nem mesmo o título, "O Início e o Fim", foi pensado como tal. Tratava-se apenas de uma frase, ou parte dela, escrita em uma carta. Cada palavra que se lê é, no entanto, escrita por Zemborain, e, sem dúvida, meu direito de editar estes textos, antes esparsos, na sua atual forma é garantido pela qualidade incontestável do autor.

Lembro-me do entusiasmo com que o primeiro capítulo foi iniciado. Zemborain me lia, com sua inflexão toda especial, trechos do que pretendia que fosse seu primeiro romance. Já naqueles anos de juventude, ele demonstrava todo o vigor de seu estilo. Cada frase era longamente torneada, à procura da palavra certa, nunca demasiado apresada. Já aí também suas obsessões, que o leitor atento me dispensará de apontar, e que tornaram possível este volume. Já aí também, infelizmente, seu estranho bloqueio, que, ao fim, fez trágica sua vida.

Porque a verdade é que Zemborain jamais conseguiu completar um de seus projetos. Malgrado todas as exortações, minhas e de nossos companheiros, ele, a certo ponto do trabalho, caía pouco a pouco em um desespero ou depressão, que terminava por lhe impedir o prosseguimento do texto. Inevitavelmente, a trama lhe fugia das mãos e caminhava para um impasse obscuro. Nós sentíamos que ele trazia dentro de si todas as respostas. Nossas conversas, em seus melhores momentos, o confirmavam. Cada novo intento de Zemborain era uma nova pergunta plena de possibilidades, uma nova esperança.

Este romance é a soma destes trabalhos, destes projetos. Cada capítulo corresponde a uma tentativa, exposta na sua ordem cronológica. Cada capítulo é o começo, de fato, de um livro. A uniformidade dos nomes dos personagens é todo o meu trabalho, além de uma revisão superficial de pequenos trechos. A estranha, a revolucionária unidade do livro é dada pelo gênio do autor. Cada capítulo, lido em seqüência, ilumina a vida dos personagens por um novo ângulo, cada início é um novo sonho, ou ponto de vista, que vão se tecendo juntos em um todo coerente.

Pergunto-me se Isaac Zemborain tinha consciência do que fazia. Um de seus últimos atos foi enviar-me cópias de seus manuscritos datados. Teria desconfiado, ao relê-los, a estranha experiência que representavam? Teria se dado conta de que durante toda a sua vida tinha contado uma única história, em uma forma de tal modo bizarra e diferente que talvez jamais

tivesse podido imaginar? Não sei, jamais saberei. Zemborain está morto. Matou-se, deixando apenas uma carta. O leitor já a leu. Zemborain a escreveu, com o apuro habitual, narrando seus últimos dias. Tudo nela é real, e no entanto, nela não há nenhuma referência a sua atividade literária, a seu desânimo aprofundado por cada tentativa frustrada.

Chocado pelo desfecho daquela vida, voltei então aos originais que ele me mandara. De repente, à luz daquela última carta, o romance de uma vida, composto de fragmentos de ficção enfeixados por aquela brutal intromissão de realidade, se mostrou evidente. Testemunho que nenhum dos acontecimentos que se narram neste livro aconteceu, de fato, a ele. O Início e o Fim não é, com exceção da carta transformada em capítulo final, uma auto-biografia, no sentido costumeiro. Zemborain teve uma vida atribulada, e não quero deduzir um suicídio de um livro, mas sou irremediavelmente tentado a crer que ele optou afinal por transformar a vida em ficção. Em seu último momento, Isaac Zemborain martirizou a realidade e entrou no mundo que criara.



Luiz Fernando
em
confissão de
Luiz.